

## IMAGENS DE CONTROLE E AS REPRESENTAÇÕES DE NEGRITUDE EM *CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Renata Silveira Pinto Xavier<sup>1</sup>  
Thais Eduarda de Andrade Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo propôs uma leitura crítica da obra *Canção para ninar menino grande* de Evaristo (2022), a partir das representações de negritude em articulação com gênero e classe social. A análise centrou-se, inicialmente, na masculinidade do protagonista, evidenciando como sua subjetividade é atravessada por tensões produzidas pelos marcadores sociais da diferença. Em seguida, examinaram-se as personagens femininas, cujos corpos são submetidos a imagens de controle historicamente associadas às mulheres negras. Por fim, discutiram-se os afetos e as relações interpessoais, destacando o modo como estruturas de opressão impactam os vínculos entre os personagens. A pesquisa, de natureza qualitativa e interpretativa, fundamentou-se nas contribuições teóricas de Hooks (2019) e Collins (2019) e concluiu que a obra articula raça, gênero e classe na construção de subjetividades negras, denunciando violências simbólicas e estruturais.

**Palavras-chave:** negritude; imagens de controle; escrevivência; gênero; literatura afro-brasileira.

### CONTROLLING IMAGES AND REPRESENTATIONS OF BLACKNESS IN *CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

### ABSTRACT

This article proposed a critical reading of *Canção para ninar menino grande*, by Evaristo (2022), focusing on representations of Blackness and their intersections with gender and social class. The analysis initially examined the masculinity of the protagonist, highlighting how his subjectivity is shaped by tensions arising from social markers of difference. It then analyzed the female characters, whose bodies are subjected to controlling images historically associated with Black women. Finally, the study discussed affects and interpersonal relationships,

---

<sup>1</sup> Graduada em Direito, Mestranda em Ciências Sociais e Humanas pela UERN. Campus Mossoró/RN. E-mail: [renatasilveira@uern.br](mailto:renatasilveira@uern.br)

<sup>2</sup> Graduada em História, Mestranda em Ciências Sociais e Humanas pela UERN. Campus Mossoró/RN. E-mail: [thaiseduarda@alu.uern.br](mailto:thaiseduarda@alu.uern.br)

emphasizing how structures of oppression shape the bonds established among the characters. This qualitative and interpretative research was grounded in the theoretical contributions of Hooks (2019) and Collins (2019) and concluded that Evaristo's literature articulates race, gender, and class in the construction of Black subjectivities, exposing symbolic and structural violence.

**Keywords:** blackness; controlling images; *escrivivência*; gender; Afro-Brazilian literature.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar criticamente a obra "*Canção para ninar menino grande*", publicada originalmente em 2018 sobre autoria de Conceição Evaristo, doutora em Literatura Comparada e uma das mais relevantes escritoras da literatura brasileira nas últimas décadas. A análise aqui desenvolvida tenta compreender de que modo as representações de negritude, construídas através dos múltiplos personagens e suas relações, aparecem no texto. Busca-se perceber a forma através da qual as experiências pessoais e coletivas transcritas na obra relacionam-se como os marcadores sociais da diferença e de que modo atuam nas relações construídas entre homens e mulheres negros. Desse modo, o objetivo central que norteia a nossa produção tem como enfoque analisar as representações de negritude na literatura de Evaristo, compreendendo de que modo incidem sobre o cotidiano das personagens.

Em *Canção para ninar menino grande*, Evaristo (2022) narra a história de Fio Jasmim, um ferroviário negro que se destaca especialmente pela beleza e carisma, e que, graças a isso, coleciona relacionamentos nas diversas cidades que frequenta periodicamente. A narrativa, contudo, se destaca por não focalizar apenas a perspectiva de Fio Jasmim, sendo contada por coro de vozes femininas que compartilham suas memórias fragmentadas de afeto, dor e abandono com uma narradora-ouvinte.

As histórias contadas pelas diversas personagens revelam, em um primeiro momento, como Fio Jasmim foi moldado por traumas raciais da infância, que o levaram a uma busca contínua por validação, manifestada por meio de uma performance constante de masculinidade. Em *Canção para ninar menino grande* de Evaristo (2022), a autora aprofunda-se ainda nas histórias particulares das personagens femininas que cruzam o caminho do protagonista, cada uma com suas próprias particularidades. Através de suas mulheres, a autora demonstra como gênero e raça incidem sobre corpos femininos, moldando suas individualidades e, especialmente, a forma como se relacionam. Assim, o romance explora as complexas construções da identidade do homem negro, ao mesmo tempo em que centraliza a experiência e a resiliência das mulheres que, em suas ausências e presenças, configuram-se como eixos fundamentais da narrativa, conforme observa Duarte (2020) ao analisar a masculinidade do protagonista na *escrivivência* de Evaristo (2020).

Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa consiste em analisar as representações de masculinidade percebidas através do personagem protagonista da obra de Evaristo (2022), e de que forma a performance ali representada se relaciona diretamente, em uma perspectiva interseccional, com a negritude e a classe social dele. Desse modo, tenta-se compreender como as imposições do patriarcado capitalista agem sobre homens negros, moldando seus comportamentos e percepções, e afetando diretamente a maneira através da qual se relacionam com o mundo que habitam.

Não menos importante, estende-se a análise às múltiplas personagens femininas da obra, que atravessam a trajetória do protagonista, brevemente ou de modo permanente. Entre nossos objetivos específicos busca-se compreender como os corpos femininos escritos por Evaristo (2022) são atravessados por imagens de controle impostas sobre mulheres negras, que atuam sobre suas vidas pessoais em diferentes níveis. Em consonância, a análise das personagens femininas presentes no texto de Evaristo (2022) nos permite perceber como gênero, raça e classe atuam de modo interseccional na elaboração de experiências de opressão.

Em terceira instância estende-se a análise ainda a um outro objetivo específico. Uma vez percebidas as representações de masculino e feminino na obra, e de que modo são atravessados por múltiplas formas de opressão, examinam-se os relacionamentos construídos entre as personagens. Busca-se compreender de que modo a imposição de padrões de masculinidade negra, bem como a incidência de imagens de controle sobre corpos femininos, interferem diretamente no campo dos afetos, permeando os diferentes tipos de relacionamento construídos por homens e mulheres negros/as.

Outro ponto central na construção da presente pesquisa se relaciona diretamente com a vivência da autora enquanto mulher negra. Toma-se como ponto de partida a ideia de escrevivência como a escrita de nós, isto é, de que modo experiências individuais extrapolam a noção de “escrita de si” e passam a representar e se relacionar com toda uma coletividade, conforme conceituado por Evaristo (2020). Em suas obras, Conceição Evaristo constrói uma perspectiva fortalecida a partir do protagonismo feminino e negro, atravessado ainda pela classe social de suas personagens, de modo que, para além de sua individualidade, a escrita de Evaristo dá vazão às experiências de toda uma comunidade que compartilha consigo a perspectiva daqueles que ocupam os distintos espaços de exclusão. Nesse sentido, é possível perceber como *Canção para ninar menino grande* mescla as fronteiras entre ficção e realidade ao denunciar o patriarcado e o racismo, assumindo um sentido político ao demonstrar como homens e mulheres negros estão submetidos – de diferentes modos – à mesma lógica de opressão.

A metodologia empregada na pesquisa aqui apresentada é de natureza qualitativa e está baseada em uma abordagem interpretativa de nossa principal fonte: a obra literária de Conceição Evaristo. Busca-se aprofundar a compreensão acerca das representações de gênero e negritude construídas pela autora em seus textos, partindo de uma leitura crítica da obra *Canção para ninar menino grande*, publicada originalmente

em 2018 pela Editora Unipalmarens. Para construção da análise toma-se como base uma revisão bibliográfica embasada nos autores que compõem nosso referencial teórico. Vale destacar ainda que as leituras e releituras que dão origem a esse trabalho se fazem a partir da segunda edição do texto, que foi publicada em 2022 pela Editora Pallas, nova casa editorial de Conceição. A escolha pela segunda publicação se dá uma vez que a edição original não se encontra mais disponível nas livrarias.

Para construção da análise da obra toma-se como foco a identificação de passagens do texto, descrição de personagens e diálogos que corroboram com a construção das representações de negritude pesquisadas, aliadas às performances de gênero e a classe social. A análise tomará como embasamento os conceitos e teorias desenvolvidos pelos intelectuais que compõem nosso referencial teórico, em especial, os trabalhos de Hooks (2019) e de Collins (2019), para compreender os elementos-chave construídos na narrativa da autora. Dessa forma, busca-se, através da literatura, estabelecer um diálogo direto com a realidade social.

Nesse sentido, vale apontar ainda a utilização do conceito de escrevivência, não só como objeto da própria análise, mas como ferramenta metodológica, uma vez que nos permite pensar como as experiências de vida individuais permeiam toda uma coletividade e são transcritas através da literatura de mulheres negras e pobres. A utilização do conceito é essencial ainda para compreensão do potencial político da obra de Evaristo, construída pela autora ao denunciar as múltiplas camadas de opressão que atravessam a trajetória de seus personagens. A análise é engrandecida ainda por uma perspectiva interseccional, presente na construção do trabalho tanto quanto na obra da própria autora, uma vez que aponta como diferentes marcadores sociais (raça, classe e gênero) se entrelaçam e se influenciam mutuamente na construção de seu texto.

## **FIO JASMIM E A MASCULINIDADE FALOCÊNTRICA PATRIARCAL**

A literatura ocupa uma posição privilegiada no que tange à disseminação do conhecimento, sejam noções de mundo, ideias ou fatos concretos. Diferente de produções de cunho científico, que em raras ocasiões ultrapassam os muros da academia, a ficção tem a capacidade de alcançar um público amplo e diversificado. Dá ao autor a possibilidade de conversar com o público nos momentos de descontração e lazer, e a partir daí estabelecer um diálogo que pode acarretar em diversas transformações, individual ou coletivamente. Como já mencionado, a literatura não é vazia de significados políticos, especialmente quando dialoga diretamente com as vivências e dores de grupos historicamente marginalizados.

Como já apresentado, a narrativa construída por Evaristo (2022) segue os percursos de Fio Jasmim, protagonista da obra, que, devido ao trabalho como maquinista de trem, viaja rotineiramente entre diferentes cidades. Em cada um dos destinos, Fio Jasmim conquista uma nova mulher. Se envolve em diferentes níveis com as personagens, mesmo já estando noivo desde as primeiras páginas. As estratégias de

conquista empregadas pelo personagem, são sempre diversas e se adaptam não somente a realidade local, mas a individualidade da mulher que é objeto momentâneo de seu desejo. O resultado é quase sempre invariável. Fio Jasmim conquista as moças, se relaciona fisicamente com elas, e segue os rumos do trem. As consequências de sua breve passagem são também diversas, mas em muitos dos casos resultam em desilusões, mágoas e conflitos que atingem principalmente as amantes e sua própria esposa.

Mesmo ciente das consequências negativas dos casos extraconjugais que mantém, Fio Jasmim não parece disposto a pôr fim a suas aventuras de conquista. Tão pouco o choro de Pérola Maria, com quem é casado, ou o abandono dos filhos que coleciona fora do casamento parecem comovê-lo. Fio Jasmim é a personificação do ideal falocêntrico. Um homem negro constantemente pressionado a performar uma noção de sexualidade voraz, que legitimaria sua condição masculina. A pressão, por sua vez, toma forma na imagem dos colegas maquinistas. Homens brancos que não enxergam Fio Jasmim como igual, mas que parecem atribuir algum valor conforme sua capacidade de conquistar mulheres. Como afirma a teórica feminista, Hooks (2019, p. 156), “Com o surgimento de um falocentrismo selvagem, um homem não era mais um homem de verdade porque sustentava sua família: era um homem simplesmente porque tinha um pênis”.

As memórias de sua socialização enquanto menino negro também tem papel fundamental na vida do personagem. Carrega na memória a lembrança do dia em que a professora o impediu de encenar o papel de príncipe na história da Cinderela. Quando o preteriu em favor de um menino branco de cabelos loiros. Na vida adulta busca superar o trauma do passado, se igualando ao coleguinha branco e aos colegas maquinistas. “Eles eram homens. E como o homem branco, ele conquistava todas as mulheres que surgissem na sua frente. Eram iguais, ele e o homem branco. Assim pensava Fio Jasmim” (Evaristo, 2022, p. 22).

A influência do pai também cumpre seu papel na consolidação de um ideal de masculinidade a ser reproduzido na vida adulta. “Fio cresceu ouvindo as proezas do pai. Aprendera com ele que ser homem era ter várias mulheres. E o mais certo era escolher, dentre elas, uma mais certa ainda para o casamento” (Evaristo, 2022, p. 93). A passagem demonstra como o comportamento de conquista, inserido como parte de uma lógica patriarcal falocêntrica, é ensinado aos meninos negros desde a mais tenra infância e de modo hereditário. A não-reprodução de tais comportamentos perpassa, por tanto, por negar a idealização da própria figura paterna. Como apontado por Hooks (2019, p.146) ao discutir a relação entre o próprio pai e o irmão, “nosso pai fez com que ele soubesse desde cedo que não era um filho para ele, porque filhos de verdade querem ser como seus pais”. Outros elementos compõem esse mosaico de masculinidade imposto sobre meninos negros. Relacionam-se diretamente com a capacidade de mascarar emoções e sentimentos, demonstrar firmeza e a capacidade de defender sua propriedade e seu território. Em outro trecho da obra de Evaristo (2022), Fio Jasmim reafirma os ensinamentos do pai.

Fio Jasmim, depois que se entendera por gente, ou melhor, bem antes, ali pelos dez anos, chorava muito pouco diante de alguém. Se tinha raiva, medo ou tristeza, lágrimas vertidas para dentro pretendiam dar conta de qualquer sentimento. Aprendera, desde cedo, a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento de que parecesse dor ou tristeza. Só a raiva era permitida, se não fosse contra os mais velhos. Raiva, explosão, enfrentamento na rua eram atitudes de um menino que estava se tornando homem. (Evaristo, 2022, p.111).

A noção de homem provedor também é central na construção da ideia de masculinidade negra, e pode ser percebido na obra de Evaristo (2022), ao que Fio Jasmim se descreve como um homem bom e certo, uma vez que supria as necessidades da mulher e dos filhos do casamento. A concepção de masculinidade atrelada à capacidade de prover o sustento familiar possui raízes históricas profundas. Para homens negros escravizados, a libertação representou a possibilidade de desempenhar a função de patriarca, o que não se concretizou em totalidade, uma vez que as estruturas raciais impediram e seguem impedindo o acesso igualitário aos meios de reprodução do capital. Entretanto, a noção de homem-provedor, capaz de sustentar e cuidar da família, fundamentou os ideais de masculinidade negra antes mesmo do modelo falocêntrico, mesmo que em certa medida pudessem existir concomitantemente. Ainda segundo Hooks (2019, p. 146), “Numa comunidade negra tradicional, quando alguém diz a um rapaz crescido ‘seja homem’, está convocando-o a perseguir uma identidade masculina enraizada no ideal patriarcal”.

Em outro momento da obra pode-se perceber como o sistema capitalista impera sobre a noção de masculinidade que é transmitida de pai para filho em comunidades negras. Ao cometer um erro que acaba atrasando o trem, Fio Jasmim é firmemente repreendido pelos colegas maquinistas. Diante da situação o próprio personagem reafirma a pressão por produtividade imposta sobre homens negros que tem de sustentar suas famílias em meio a um sistema que não está preocupado com os corpos e mentes que permitem a sua continuidade.

Máquinas estragam, trilhos partem, ribanceiras despencam, águas invadem estações...Homens não podem falhar, não podem perder a hora e, se adoecerem, devem avisar antes para serem substituídos ou então trabalhar doentes, para morrerem segundos depois, ao deixarem o posto de trabalho. Como Fio Jasmim cometera tamanha irresponsabilidade? Aquilo não era papel de homem, não era... E essa foi a única vez, em toda a carreira profissional de Fio Jasmim, em que ele perdeu a hora de trabalho. Ele sabia o tamanho de seu erro. Seu pai, seus tios, seus primos mais velhos, todos os homens de sua família eram

homens de trabalho. Homens de ferro, de barro não, pois barro quebra...(Evaristo, 2022, p. 48-49).

É possível perceber mais uma vez como a masculinidade negra está diretamente atrelada a sua capacidade de produzir. Inseridos em um sistema marcado pela segregação racial, homens negros têm se sujeitado a uma exploração que busca se legitimar pela personificação das relações de capital. Como Marx já havia argumentado, a sujeição social é um processo de personificação das relações de capital[...] (Lazzarato, 2014, p. 28).

Conforme a leitura da obra de Evaristo (2022), percebe-se ainda que os padrões de comportamento aprendidos e reproduzidos por Fio Jasmim ao longo da vida afetam não somente o modo como se localiza e se enxerga mediante o mundo, mas a maneira como se relaciona com as outras pessoas, em especial as mulheres que cruzam seu caminho. Apesar de ser capaz de conceber diferentes estratégias de conquista, Fio Jasmim não enxerga nas múltiplas meninas e mulheres com quem se relaciona indivíduos únicos, dotados de seus próprios desejos e mágoas. Ele as objetifica, transformando-as em instrumento para alcançar o seu próprio gozo, que se materializa ao figurar em um lugar de masculinidade. Fio Jasmim não nota, ou pouco se importa, com o resultado - por vezes desastroso - de seus breves encontros. O mesmo recai sobre os filhos, frutos dessas relações, tão esquecidos quanto suas mães. Ao desumanizar suas companheiras, Fio Jasmim reproduz mais uma vez a lógica de opressão patriarcal que incide sobre ele próprio e as mulheres à sua volta - em grande maioria negras.

Em *Canção para ninar menino grande*, Evaristo (2022) explora a masculinidade negra a partir de uma perspectiva sensível, mas também política. A autora reconhece em Fio Jasmim as influências diretas não somente do racismo, mas também do modo como o patriarcado branco capitalista incide diretamente sobre corpos negros, moldando seus comportamentos. Através de sua literatura, Conceição Evaristo critica a imposição de padrões de masculinidade falocêntrica e patriarcal sobre homens negros. A autora contribui ainda para um debate que percebe o gênero não como uma categoria natural, mas como fruto de uma construção que precede a existência do indivíduo. Essa construção se dá através da articulação entre tecnologias de gênero - como o cinema e a literatura - e discursos institucionais e tem por função posicionar os indivíduos dentro de classes ou grupos hierarquizados. Segundo Lauretis:

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótica, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino

subentende a totalidade daqueles atributos sociais (Lauretis, 1994, p. 2012).

Ao reproduzir os padrões de comportamento masculino gerados no interior da lógica patriarcal, Fio perpetua elementos da opressão racial e de gênero. A mesma responsável pelos traumas vivenciados ao longo da vida. Tenta igualar-se ao homem branco, e estando submetido à lógica patriarcal branca e capitalista, busca também a sujeição feminina. Sobre isso, ao discutir aspectos da masculinidade negra, Hooks (2019, p. 146) afirma que:

Agindo em cumplicidade com o status quo, muitas pessoas negras absorveram passivamente representações estreitas da masculinidade negra, perpetuaram estereótipos, mitos, e apresentaram relatos unidimensionais. Homens negros contemporâneos foram moldados por essas representações.

Nesse mesmo sentido, Hooks (2019) percebe a forma como o patriarcado capitalista se beneficia das tensões geradas entre homens e mulheres negros. Uma vez que, ao denunciarem o machismo e a misoginia presentes dentro da própria comunidade, mulheres negras são hostilizadas, acusadas de se aliar a branquitude, enfraquecendo o movimento negro. Esses se configuram apenas como mais um dos padrões de controle impostos sobre os corpos femininos, tão bem explorados por Conceição Evaristo em sua obra. Para além de Fio Jasmim, ao contar as histórias de suas aventuras amorosas, Evaristo (2022) apresenta inúmeras personagens femininas, com histórias e valores próprios. O que une todos esses personagens é a sujeição construída dentro do processo de sociabilização. Sujeição essa que em primeira instância só se torna possível dentro de um sistema pautado na exploração.

## VÁRIAS MULHERES, MÚLTIPLAS IMAGENS DE CONTROLE

Entre muitos dos elementos que enriquecem a obra de Conceição Evaristo, destaca-se aqui a atenção especial dedicada às suas personagens femininas. Mesmo que a trajetória de Fio Jasmim seja o elemento que move a narrativa, as mulheres que encontra pelo caminho ganham, cada uma, seu próprio enredo pessoal. Evaristo (2022) ficcionaliza sobre diferentes realidades, protagonizadas individualmente por mulheres possuidoras, cada qual, de seus próprios desejos, dores e motivações. Essas mulheres assumem ainda posições distintas nas comunidades que habitam, e são atravessadas por diferentes imagens de controle. Desde a esposa de Jasmim, Pérola Maria, passando por Juventina, sua amante de longa data, e as várias namoradas que coleciona ao longo da vida.

A obra pode ser lida como uma subversão crítica das imagens de controle descritas por Collins (2019) em seu trabalho *Mammies, matriarcas e outras imagens de controle*. A autora propõe que o racismo estrutural, aliado ao sexismo, produz e

dissemina estereótipos que visam manter as mulheres negras em posições subalternas dentro da estrutura social, política e cultural. Dentre essas imagens, destacam-se a "matriarca" e a "Jezebel", que são utilizadas para justificar e normalizar opressões.

A imagem da matriarca tem por objetivo anular a feminilidade negra, visto que retratam as mulheres negras enquanto castradoras. A Jezebel, imagem de controle que aparece com maior regularidade na obra analisada, representa uma mulher negra sexualmente insaciável, lasciva e agressiva, a qual precisa ser domada. Esta imagem estabelece uma objetificação a partir da animalização dos corpos e comportamentos das mulheres negras, isto é, a torna inadequada ao pensamento ocidental, enquanto as mulheres brancas são consideradas um exemplo de feminilidade. Essas imagens são tomadas por Evaristo (2022) de diferentes formas ao longo da obra, desde a esposa, Pérola Maria, a amante de longa data e as várias namoradas, nos deparamos com múltiplas imagens de controle.

Fio Jasmim aprendeu com o pai, Máximo Jasmim, que ser homem era ter várias mulheres, mas que era imprescindível escolher, dentre essas, a que ocuparia o papel definitivo de esposa e mãe de seus filhos legítimos. "Fio cresceu ouvindo as proezas do pai. Aprendera com ele que ser homem era ter várias mulheres. E o mais certo era escolher, dentre elas, uma mais certa ainda para o casamento." (Evaristo, 2022, p. 93). Neste sentido, percebe-se como o patriarcado sexista impõe papéis distintos a homens e mulheres no que constitui as relações amorosas. Do homem é esperado a traição e o abandono, enquanto a mulher é compelida a performar uma moralidade suficiente para transformá-la, entre todas as outras, na que será escolhida como esposa.

Pérola Maria aparece em diversos momentos da obra, sempre como referência da mulher certa para casar-se. Suas virtudes femininas são exaltadas por Jasmim e Pérola é descrita como alguém dedicada ao lar, ao marido e aos muitos filhos do casal. Em certo momento da obra, dada a resiliência da personagem frente às traições do marido e as constantes gestações, outros personagens chegam à conclusão de que o verdadeiro prazer de Pérola estaria na geração dos filhos de Fio Jasmim.

Se fazer filho era o mal maior que um homem podia causar a uma mulher, para Pérola, perigo não era. Ela gostava de ter filhos. Gostava de parir. Já tinha dado à luz a quase uma dezena de filhos, todos de parto normal. E a cada filho parido bendizia o momento do parto e lamentava a fugacidade do tempo escorregadio em que os bebês deslizavam de dentro dela. Talvez fosse esse o singular prazer de Pérola (Evaristo, 2022, p.92).

Nesse sentido, podemos perceber como a personagem representa um ideal de feminino voltado única e exclusivamente para o trabalho doméstico e a maternidade. Na concepção de Fio Jasmim e do pai, homens negros de diferentes gerações, o que separa a mulher 'certa' para casar-se das demais nada mais é do que a capacidade de reprodução de um ideal patriarcal e branco de feminilidade. Primeiro imposto sobre

as mulheres brancas, esse ideal passa a condicionar – sobre seus próprios termos – também as famílias negras. Segundo Collins (2019, p. 140), “De acordo com o culto da verdadeira condição de mulher, associado ao ideal tradicional de família, as mulheres de verdade tinham quatro virtudes fundamentais: piedade, pureza, submissão e domesticidade.”. O que transformava Pérola na mulher certa para Fio Jasmim nada mais seria do que sua capacidade de perdoar as traições, de cuidar dos filhos, de amar o marido e de permanecer submissa à figura masculina.

Fio Jasmim tinha uma indubitável certeza do amor de Pérola Maria. Ele afirmava o sentimento que a esposa nutria por ele aos quatro ventos. Tinha tanta certeza que, quando partia para novas conquistas, nenhum esforço fazia em busca de bons resultados. Caso não conseguisse, pensava Fio Jasmim, Pérola estaria em casa, sempre aguardando por ele. Para Fio, Pérola não oferecia enganos. (Evaristo, 2022, p. 93)

Outras imagens de controle são observadas ao longo da obra. A matriarca negra, representada senão pelas moças com quem Fio Jasmim se relaciona, mas por suas mães e avós, chefes de família que tentam alertar as filhas para o perigo dos homens. Ou a figura da Jezebel, mulher sexualmente ativa e depravada, notada em personagens como Antonieta e outras mulheres com quem Fio Jasmim se relaciona de maneira breve. Ainda segundo Collins (2019), o que se percebe é que:

Embora a maioria das mulheres negras costume resistir a sua objetificação como o Outro, essas imagens de controle continuam a exercer uma influência poderosa sobre nossas relações com brancos, com homens negros, com outros grupos raciais/étnicos e entre nós (Collins, 2019, p. 166).

Ao longo da obra, Fio Jasmim conhece muitas mulheres com quem se relaciona brevemente. Para além da esposa, a que permanece por mais tempo ao seu lado é Juventina Maria Perpétua, também chamada de Tina. Juventina foi amante de Fio Jasmim ao longo de trinta e cinco anos. É apresentada na obra como uma mulher que cresceu desconhecendo o amor por parte de figuras masculinas, uma vez abandonada pelo pai. Ouvia da mãe e das tias, desde muito nova, sobre os perigos de se envolver com homens, casados ou solteiros. Falam-lhe dos abandonos, dos filhos e dos corações partidos. “Sem saber como dizer, como provar a instabilidade do terreno, no qual Tina estava prestes a pisar, Floripes se limitava a repetir que homem era muito perigoso, muito perigoso, muito mesmo...” (Evaristo, 2022, p. 92).

Mesmo ciente do casamento de Fio Jasmim, Tina se vê apaixonada, de modo que não resiste às investidas do pretendente. Durante os anos em que estiveram juntos, Fio não pareceu amá-la de volta para além do contato sexual. “Fio Jasmim talvez nunca tenha sido apaixonado pela moça Juventina Maria Perpétua, mas, quando se

conheceram, logo-logo se tornou necessitado do corpo e do amor dela.” (Evaristo, 2022, p. 95). Aqui mais uma vez nos é apresentada a figura de uma mulher submetida aos caprichos e domínios masculinos, transformada em objeto sexual. No caso de Tina, seu valor material diante das demais aventuras sexuais de Fio Jasmim é acrescido pela ideia de uma suposta virgindade, que é mantida ao longo do relacionamento.

Tina bendizia prazerosamente a virgindade que ela carregava em si e agradecia aos gestos comedidos de Fio que inventava novas formas de lhe fazer prazer. [...] Fio gostava dela e se privava do encanto-gozo, momento em que o corpo do homem preenche o úmido vácuo do corpo da mulher, tudo pela condição de virgindade dela. (Evaristo, 2022, p. 96-97).

Percebemos então como ambas as personagens, Pérola Maria e Juventina, respectivamente esposa e amante, assumem uma postura resignada frente às ações e comportamentos do protagonista. São descritas de modo a parecerem inofensivas, mulheres negras com corpos sensuais que não parecem oferecer resistência à imposição do sistema patriarcal racista que opera sobre elas mesmas, seu companheiro e suas famílias. O que as separa é unicamente o lugar que o próprio personagem destina para elas. Pérola se torna a esposa, e Juventina, chegando depois, a amante.

Ao ocupar o espaço de amante, a personagem poderia ser quase que automaticamente relacionada à imagem de mulher devassa, ou da Jezebel. Mas pode-se perceber ao longo da obra que Conceição busca afastar-se de representações generalizantes, de modo que Tina não é descrita como uma mulher perversa ou possuidora de qualquer tipo de desvio moral. Pelo contrário, observa-se na personagem um amor e devoção tipicamente esperados de quem ocupa o lugar de esposa. Percebe-se então que, mesmo que não perpetuem por completo os elementos que constituem a imagem da ‘mammy’, as personagens assemelham-se às imagens de controle descritas por Collins (2019, p. 142) na medida em que representam, de diferentes formas, “uma função simbólica na manutenção de opressões de gênero e sexualidade”. Ambas são condicionadas por Fio Jasmim a ocupar espaços que possam legitimar sua própria masculinidade. Pérola enquanto extensão de seu bom caráter, ao representar o ideal de família propagado pelo capitalismo patriarcal. Já Tina o legitima enquanto homem viril, atenuando sua capacidade falocêntrica de conquistar e submeter a mulher.

Em contrapartida, outras imagens de controle femininas aparecem ao longo da obra. A ‘matriarca’ é constantemente resgatada através da imagem de mulheres mais velhas e mais experientes, em grande maioria tias, avós e mães daquelas com que Fio Jasmim se relaciona. Essas mulheres assumem posturas mais firmes, alertando as jovens da família acerca dos perigos de se envolver com homens como Fio Jasmim. São em grande maioria responsáveis pela criação dos mais jovens, não contando com a participação masculina. Ao descrever um breve encontro entre a jovem Juventina com

o pai, que não conhecia até então, Evaristo (2022), alerta para a perpetuação de tal imagem:

Ele dizia do distanciamento dele e dos empecilhos de aparecer como pai para ela. Não era culpa dele, não era culpa dele, não era! A mãe dela, ela sim, era a única culpada. Era uma mulher muito ciumenta. Não suportava saber que muitas mulheres gostavam dele, pois ele era um homem muito atraente (Evaristo, 2022, p. 102)

Neste trecho podemos percebermos como a representação construída por Evaristo relaciona-se com a imagem de controle descrita por Collins em sua obra, na medida em que a mãe de Juventina é responsabilizada pelo abandono paterno, descrita enquanto uma mulher controladora em demasia, responsável por afastar o homem da família. Segundo Collins (2019):

Consideradas excessivamente agressivas e não femininas, as matriarcas negras eram supostamente castradoras de seus amantes e maridos. Esses homens, compreensivelmente, abandonavam suas parceiras e se recusavam a casar com as mães de suas filhas e seus filhos (Collins, 2019, p. 145).

Destaca-se ainda a aparição de outra imagem de controle na obra de Evaristo. A Jezebel surge como uma figura associada à sexualidade desviante. Segundo Collins (2019, p. 155), “A função da Jezebel era relegar todas as mulheres negras à categoria de mulheres sexualmente agressivas, fornecendo assim uma justificação eficaz para os constantes ataques sexuais de homens brancos [...]”. Na obra de Evaristo (2022) pode-se observar alguns exemplos de mulheres que são enquadradas, pelo próprio Fio Jasmim ou membros da comunidade em que residem, como sexualmente agressivas. É o caso de Aurora Correa Liberato que gostava de nadar nas águas do rio Naípe completamente sem roupa, e que é transformada em objeto de desejo sexual por parte dos homens da cidade que a seguem para observar sua nudez. Ou ainda de Antonieta Vêritas da Silva, conhecida na cidade de Remanso Velho pela beleza do seu corpo, constantemente colocada em uma posição de mulher sexualmente agressiva, não por atitude que possa ter tomado, mas exclusivamente por ser mãe solteira, e financeiramente independente.

Há ainda casos como o da jovem Neide Paranhos da Silva, que tendo engravidado de Fio Jasmim sendo moça solteira, enfrenta a desaprovação da família. Para o pai de Neide, “Aos homens honrados tudo é permitido, menos engravidar uma moça de família, e, se tal vergonha acontecesse, a solução seria o casamento para reparar o erro” (Evaristo, 2022, p. 27-28). Aqui fica claro a percepção de que é o homem aquele que normalmente rejeita o casamento, sendo este imposto pelos mais velhos como obrigação moral frente a desonra da jovem. Mas nesse caso, não há conflitos de interesse, ao que tanto Fio Jasmim como Neide demonstram-se desinteressados de

assumir qualquer compromisso mútuo. “Ela não queria ser esposa dele e nem de homem algum. De um homem, ela só queria um filho” (Evaristo, 2022, p. 29). Ao rejeitar as imposições sociais para formar uma família tradicional, composta por mãe, pai e filhos, Neide nega a reprodução de um ideal de feminilidade patriarcal embasado na associação da mulher ao homem por meio do casamento. Como mulher negra e mãe solteira, resta-lhe o enquadramento conferido àquelas que ousam desviar da sujeição ao sistema patriarcal: da mulher agressiva e socialmente inapta.

Percebe-se então como Evaristo (2022), através de suas personagens femininas, contrapõe e discute diversas imagens de controle que operam sobre corpos femininos. Em muitas ocasiões, Evaristo (2022) constrói personagens avessas às expectativas sociais impostas sobre mulheres negras, construindo indivíduos ativos na busca por seu próprio prazer e objetivos, alheios ou indiferentes às normas sociais. Em outros momentos, mostra-se, através de uma perspectiva crítica, como as imagens de controle corroboram para justificar as práticas de dominação. Sua literatura opera como o que a própria autora chama de “escrevivência” – escrita da vivência, da carne, da memória coletiva das mulheres negras. Nessa chave, *Canção para ninar menino grande* não apenas representa uma ruptura com as imagens de controle, mas afirma uma nova ética de cuidado e força feminina, ancorada na ancestralidade e na luta antirracista.

## CASAMENTO, AMANCEBAMENTO E AMIZADE

Para além de refletir sobre as representações de masculinidade que atuam na construção da identidade e da personalidade de homens negros, ou das múltiplas imagens de controle impostos sobre corpos femininos racializados, Evaristo (2022) fornece um panorama acerca de como a opressão racial, de gênero e de classe incide nos relacionamentos amorosos e afetivos. Percebe-se deste modo, como os traumas advindos das experiências pessoais de cada indivíduo afetam paulatinamente suas vidas.

As representações de masculinidade apresentadas vêm impondo sobre homens negros, padrões de comportamento que inibem e desarticulam suas capacidades de demonstrar efetivamente sentimentos. Ao comentar sobre as experiências de infância, Hooks (2019, p. 146) explicita como as representações de masculinidade impostas afetaram a formação de seu irmão. “Carinhoso, cheio de bom humor, amoroso, meu irmão não tinha o menor interesse em se tornar um rapaz patriarcal. Sua falta de interesse fez com que nosso pai nutrisse uma raiva ferrenha.”. A incapacidade de demonstrar afeto é condicionada em meninos desde a juventude, e afetam não somente a forma como se relacionam com a própria família, mas como constroem suas vidas na fase adulta. Essa incapacidade de processar e externar os próprios sentimentos potencializa os traumas vivenciados ao longo da vida, como é observado em Fio Jasmim na medida em que seu comportamento é influenciado por uma situação traumática vivida ainda na infância.

Fio Jasmim só consegue de fato superar as amarras que o privam de socializar seus sentimentos ao conhecer Eleonora Distinta de Sá, a primeira mulher de quem se aproxima sem intenções sexuais. A sexualidade de Eleonora, que é apaixonada por outra mulher, causa choque em Fio Jasmim no primeiro momento, mas a surpresa se converte em amizade ao que o personagem não sente, pela primeira vez, a obrigatoriedade da conquista. Não havendo possibilidade de reafirmar sua virilidade relacionando-se com Eleonora, Fio Jasmim se via livre da performance de masculinidade e, portanto, capaz de abrir-se verdadeiramente. “E, pela primeira vez na vida, Fio Jasmim se aproximou de uma mulher não para cortejá-la, e sim para pedir amparo.” (Evaristo, 2022, p. 109). O que se descreve a partir daí é um movimento de recuperação da própria humanidade, conforme o personagem se abre para os próprios sentimentos, dores e traumas.

Já para mulheres, o afeto parece ser o único caminho possível. Estimuladas desde sempre ao cuidado, mulheres negras acabam submetidas a relacionamentos unilaterais. Durante toda a relação, até o momento em que decide partir, Juventina doa ao seu companheiro toda a sua fidelidade, seu afeto e seu cuidado. Mesmo diante da ausência constante de Jasmim, Juventina permanece por longos anos, sempre a sua espera.

Independente da afirmativa de que a paixão ou o amor podem ser construídos e mantidos durante os longos tempos de vivência com a outra pessoa, Juventina parece ter construído esses sentimentos sozinha. Nunca soube, nunca experimentou a ressonância desses sentimentos, nunca viveu o retorno de uma paixão de Fio Jasmim para ela. (...) Nunca buscou o mais profundo de Fio Jasmim. Nunca pediu nada a ele. Nem a presença. (Evaristo, 2022, p. 105)

Não espera nenhuma reciprocidade do amante, e até mesmo o contato sexual parece beneficiá-lo muito mais. Uma vez que possui outras companheiras, Jasmim busca no relacionamento com Juventina a reafirmação da própria virilidade. O prazer sexual da mulher não é o foco por si só, mas sim o modo como ressoa nele próprio. A narrativa constrói o desejo masculino a partir de uma lógica de dominação que associa o prazer feminino à passividade, reforçando uma dinâmica afetiva marcada por assimetrias de poder (Evaristo, 2022). A relação com Juventina é exemplar: entregue integralmente ao afeto, ela sustenta uma relação unilateral que nunca encontra reciprocidade.

Ao se observar a relação construída entre Fio Jasmim e Pérola Maria, percebe-se que o casamento é inscrito no modelo tradicional patriarcal, no qual a esposa é projetada como a “mulher certa para casar”. Pérola se caracteriza pela dedicação ao lar e pela fidelidade irrestrita ao marido, reforçando sua posição de mulher negra submissa. Essa configuração confirma a lógica patriarcal que posiciona as mulheres como depositárias do afeto familiar e guardiãs silenciosas da ordem doméstica.

A situação ilustra o que Collins (2019) denomina “imagens de controle”, em que a mulher negra é representada como corpo disponível e emocionalmente devotado, reafirmando estereótipos de docilidade e entrega incondicional. Entretanto, Evaristo (2022) tensiona essas estruturas ao introduzir a possibilidade de solidariedade e amizade entre mulheres. A narradora-ouvinte, que recolhe e reescreve as memórias fragmentadas das diversas personagens femininas, constitui um espaço de escuta e partilha que ultrapassa a lógica patriarcal. Esse gesto evidencia o conceito de escrevivência, pelo qual experiências individuais são ressignificadas como memória coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Canção para ninar menino grande*, Evaristo (2022) revela a complexidade das relações afetivas racializadas, mostrando que o amor, quando atravessado por relações de poder desiguais, também pode ser um lugar de violência. Ao debater a masculinidade negra e reverter as imagens de controle por meio da literatura, Evaristo (2022) contribui para a construção de novas possibilidades de existência e representação da negritude. Uma negritude que fala, que escreve, que ama, mas que também se recusa a continuar sendo explorada.

Dessa forma, seu texto reafirma a importância da literatura negra como campo de disputa de sentidos e como espaço de reescrita das subjetividades negras. Através de uma escrita que é, ao mesmo tempo, denúncia e afirmação, Conceição Evaristo amplia as fronteiras da representação, desafiando as imagens de controle e reimaginando a negritude em sua pluralidade, dor e potência.

A leitura da obra de Conceição Evaristo pode servir como ponto de partida para pensar diversas questões, das mais relevantes às mais complexas. Partindo-se de seu lugar enquanto mulher negra, a autora constrói uma narrativa onde traduz não somente suas próprias dores, mas os incômodos e as feridas de toda uma coletividade. Demonstra-se o modo pelo qual o patriarcado e o racismo cultivados no interior do sistema capitalista afetam as relações humanas e atribuem um lugar mediante noções previamente construídas sobre gênero e raça. Para além do que foi exposto, a obra de Conceição Evaristo deixa ainda muitas portas abertas para pensar diferentes aspectos da realidade. Nos trechos de suas obras – que vão muito além do romance aqui trabalhado – depara-se com uma pluralidade de personagens e situações, que se levam às mais variadas discussões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Patricia Hill. Mammies, matriarcas e outras imagens de controle. In: COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 140.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque (org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Canção para ninar menino grande. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

HOOKS, bell. Reconstruindo a masculinidade negra. In: HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LAZZARATO, Maurizio. Signos, máquinas e subjetividades. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014.